

Experiências etnográficas: uma entrevista com Frederick Erickson¹

Ethnographic experiences: an interview with Frederick Erickson

Experiencias etnográficas: una entrevista con Frederick Erickson

Vera Anselmi Melis Paolillo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0911-5448>

Resumo: Durante o 19º “Fórum Anual de Pesquisa em Etnografia em Educação” (1998), o professor Frederick Erickson, destacado estudioso da etnografia em educação, foi entrevistado por uma equipe de pesquisadores liderada pela professora Carmen Lúcia Guimarães de Mattos e a autora deste texto. O evento aconteceu na Universidade da Pensilvânia e foi gravado pela ex-aluna de graduação, hoje professora da UERJ, professora Cleonice Puggian. A entrevista, datada de 25 anos, serve como exemplo da pesquisa etnográfica e suas distinções de outros métodos qualitativos de pesquisa. Este tema é sempre apreciado por aqueles que são conhecedores do campo da etnografia. Frederick Erickson discute como os etnógrafos experimentam várias maneiras pelas quais as pessoas descrevem as experiências humanas, valendo-se de linguagem simples e conhecimento sociológico para explorar a transição da aplicação prática para o conhecimento acadêmico na pesquisa. Espera-se que a leitura desta entrevista esclareça muitas incertezas em torno do “ser e fazer etnográfico”.

Palavras-chave: Frederick Erickson ; etnografia; entrevista; pesquisa qualitativa.

Abstract: During the 19th “Annual Research Forum on Ethnography in Education” (1998), Professor Frederick Erickson, a prominent scholar of ethnography in education, was interviewed by a team of researchers led by Professor Carmen Lúcia Guimarães de Mattos and the author of this text. The event took place at the University of Pennsylvania and was recorded by former undergraduate student, now a professor at UERJ, Professor Cleonice Puggian. The interview, dating back 25 years, serves as an example of ethnographic research and its distinctions from other qualitative research methods. This topic is always appreciated by those who are knowledgeable in the field of ethnography. Frederick Erickson discusses how ethnographers experiment with various ways in which people describe human experiences, drawing on simple language and sociological knowledge to explore the transition from practical application to academic knowledge in research. It is hoped that the reading of this interview will clarify many uncertainties surrounding “being and doing ethnographic”.

Keywords: Frederick Erickson ; ethnography; interview; qualitative research.

¹ Tradução do inglês para português por Carmen Lúcia Guimarães de Mattos e Vera Anselmi Melis Paolillo.



Resumen: Durante el 19º “Foro Anual de Investigación sobre Etnografía en Educación” (1998), el profesor Frederick Erickson, destacado estudioso de la etnografía en educación, fue entrevistado por un equipo de investigadores dirigido por la profesora Carmen Lúcia Guimarães de Mattos y autora de este texto. El evento tuvo lugar en la Universidad de Pensilvania y fue grabado por la ex estudiante de pregrado, ahora profesora de la UERJ, la profesora Cleonice Puggian. La entrevista, que data de hace 25 años, sirve como ejemplo de investigación etnográfica y sus distinciones de otros métodos de investigación cualitativa. Este tema siempre es apreciado por aquellos que son conocedores del campo de la etnografía. Frederick Erickson analiza cómo los etnógrafos experimentan con diversas formas en que las personas describen las experiencias humanas, basándose en el lenguaje simple y el conocimiento sociológico para explorar la transición de la aplicación práctica al conocimiento académico en la investigación. Se espera que la lectura de esta entrevista aclare muchas incertidumbres en torno al «ser y hacer etnográfico».

Palabras clave: Frederick Erickson; Etnografía; entrevista; investigación cualitativa.

1 Introdução

Professor Frederick Erickson é o entrevistado desse dossiê. A entrevista foi conduzida por Carmen Lúcia Guimarães de Mattos, mediada por Vera Anselmi Melis Paolillo e gravada por Cleonice Puggian, no dia primeiro dia do *19th Annual Research Forum on Ethnography in Education*, ocorrido entre 6 e 7 de março de 1998, na *Graduate School of Education (GSE) da University of Pennsylvania* (Mattos, 1998)². Sua importância no contexto do dossiê sobre Etnografia na Educação está, não somente pela relevante contribuição do autor, um dos nomes eminentes nesta área de conhecimento, mas pelo fato de que os autores do dossiê, em sua maioria, são seguidores de sua forma de fazer e ensinar etnografia. A entrevistadora segue a linha de pensamento do professor Frederick Erickson, e repassou para seus alunos e alunas pesquisadores e autores nesse dossiê os ensinamentos do entrevistado. Neste contexto é imperativo que se apresente o entrevistado.

Frederick Erickson é professor emérito do Departamento de Educação da Escola de Educação e de Estudos em Informação da *University of California Los Angeles (Ucla)* onde atua desde 2000, como: De 1998 a 2011, foi *George F. Kneller Professor* de Antropologia da Educação na Ucla. De 2000 a 2006 foi diretor de pesquisa na *Corinne A. Seeds University Elementary School, Ucla*. Desde 2015 é Professor Catedrático do Departamento de Linguística da Universidade de Georgetown. Ele recebeu seus graus de bacharel e mestrado em história da música e concluiu seu PhD em educação na *Northwestern University* em 1969.

Sua contribuição para o campo da antropologia da educação lhe rendeu inúmeras honrarias e prêmios, incluindo bolsas *Spencer* e *Annenberg Institute for Public Policy*, o Prêmio *Fulbright* e o Prêmio *Spindler* por Contribuições Acadêmicas à área da Antropologia Educacional, prêmio concedido pela Associação Americana de Antropologia. Os escritos de Frederi-

² MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. Entrevista com Frederick Erickson. “19th Annual Research Forum on Ethnography in Education”, gravada no dia 6 de março de 1998, na Faculdade de Educação da Universidade da Pensilvânia (Penn), Disponível no YouTube: https://youtu.be/RjWiUFp4UpU?si=WbtOq_JXzd8dDxDU.

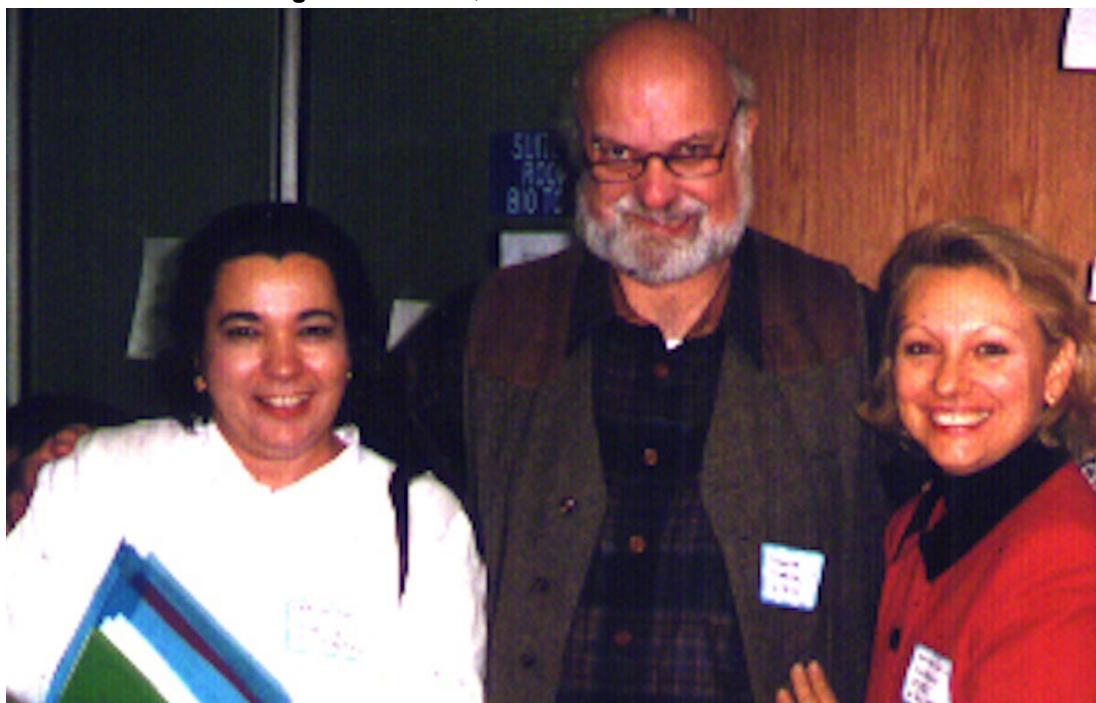
ck Erickson sobre Microetnografia continuam a ser amplamente citados, em especial àqueles que estudam as interações entre alunos/alunos; professores/alunos e famílias/alunos/professores. Em geral eles focam em como essas interações afetam alunos desfavorecidos.

Ele também escreveu extensivamente sobre métodos de pesquisa qualitativa em pesquisa social e educacional. Seu livro *“Talk and Social Theory: Ecologies of Speaking and Listening in Everyday Life”*³ recebeu o *Outstanding Book Award de 2005* da *American Educational Research Association*. Nos períodos entre 1998 e 1999 e 2006 e 2007 ele foi *fellow scholar* no Centro de Estudos Avançados em Ciências do Comportamento. Em 2014, o Conselho de Antropologia e Educação o nomeou ao Prêmio Anual de Dissertação de Destaque.

Mais recentemente, em 2019 foi criado pelo *Center for Urban Ethnography (CUE/GSE/Penn)* o prêmio *“Frederick Erickson and Hornberger Outstanding Book Award”* em sua homenagem. O prêmio é parte das atividades do internacionalmente reconhecido *Ethnography in Education Research Forum*. Criado em 1980, e coordenado pelo Prof. Frederick Erickson durante o período em que atuou como professor na GSE/PENN.

A obra de Frederick Erickson para os campos da Educação, Antropologia e Sociolinguística nos renderia inúmeras páginas nessa introdução, entretanto, com esse resumo inicia-se o detalhamento da entrevista propriamente dita que será apresentada e comentada por esta autora.

Figura – Carmen, Erickson e Vera em 6/03/1998



Fonte: Mattos (1998)

³ Frederick Erickson, Frederick. **Talk and social theory: ecologies of speaking and listening in everyday life**. Cambridge UK; Malden MA: Polity Press. 2004.

ENTREVISTA

Vera Melis Paolillo

Antes de começarmos gostaria e expressar nossa gratidão e agradecer o tempo precioso que você reservou para nos ouvir e compartilhar conosco este momento no Fórum⁴. Então, muito obrigado!

Frederick Erickson

Obrigado! Obrigada por terem vindo!

Carmen de Mattos

Estamos extremamente gratos pela sua valiosa participação e pelo seu profundo envolvimento com a abordagem etnográfica que nos propicia esta conversa.

Nós elaboramos três perguntas!

A Vera Melis tem novos alunos chegando todo o tempo, o que a mantém muito ocupada. E ela pergunta se você poderia delinear uma pequena imagem sobre que é a etnografia, qual é a diferença entre etnografia e outros campos e tipos de pesquisa. Apenas o básico, explicando em termos simples o conceito e destacando como ela se distingue de outras áreas do conhecimento.

Carmen de Mattos

E eu tenho uma pergunta.

Neste momento existem muitos tipos de pesquisas da área de educação se intitulando etnográfica, isso nos deixa meio confusas em relação as diferenças entre elas.

Alguns livros se autodenominam como Etnometodologias. Eles envolvem a análise das práticas sociais de pesquisa e da literatura para compreensão mais aprofundada do cotidiano. Com a Historiografia notamos a mesma coisa. Uma mistura de termos e conceitos.

A Etnografia se refere a um conjunto de conhecimentos e técnicas utilizados para entender os processos que facilitam a vida das pessoas. Enquanto outros tipos de pesquisa se concentram em aspectos diferentes e se destacam pela aplicação prática do conhecimento. Isso torna muito confuso o entendimento da etnografia e dessas outras abordagens. Como exemplo, muitos citam historiografia e etnometodologia como sinônimos de etnografia.

Essa fascinante mistura de termos e disciplinas que tangenciam a etnografia é interessante e, nós nos perguntamos, o que você pensa sobre isso? É será necessário

⁴ Eu me refiro à presença do Frederick Erickson no painel apresentado que apresentamos no *19th Annual Research Forum on Ethnography in Education*, no dia 6 de março de 1998, intitulado: *Experiences in educational ethnographic research in Brazil: influences of Frederick Frederick Erickson's thoughts*. A presença dele nos proporcionou um momento único, visto ele que era o organizador do evento.

tomarmos a decisão de separar ou não o que há de diferente entre elas? Essa é uma das questões que gostaríamos que você tratasse. E a outra questão é sobre como você vê a etnografia no futuro?

Eu posso ver três campos diferentes um é etnografia: etnografia de sala de aula – pesquisar a linguagem social e a interação nas escolas e nas salas de aula e o que é importante nesses contextos; o professor como pesquisador – a pesquisa sobre a própria prática do professor – me parece outro campo; a outra é uma etnografia de modo mais amplo, a que muitos chamam simplesmente de pesquisa qualitativa, mas usam entrevistas e observação participante.

Frederick Erickson

Eu gostaria que você pergunte novamente e a cada questão eu tentarei dizer algo a respeito de cada uma delas.

Carmen de Mattos

Primeiro, qual é a diferença entre etnografia e outros tipos de pesquisa disponíveis para nós, entre os diferentes tipos de pesquisas? Embora eu já tenha ouvido de você várias vezes essa resposta, gostaria que você respondesse pensando nos novos alunos iniciantes em etnografia. Assim como uma análise sobre a etnografia no futuro.

Frederick Erickson

Bem, me parece que a etnografia utiliza muitos métodos de uma vez, todos os métodos da pesquisa qualitativa mais geral, mas há duas coisas que eu vejo.

Eu me lembro de ter dito duas, três ou quatro coisas que acho que caracterizam a etnografia como distinta das outras e eu vou tentar lembrá-las; a primeira é que há a ênfase no significado das ações para as pessoas que fazem as ações que me parece – se o trabalho observacional não faz isso ou o relato narrativo não faz isso, não é etnográfico. Mas etnografia e outros tipos de pesquisas qualitativas preocupam-se também com os significados das ações do ponto de vista de outros atores. Eu penso que o que distingue a etnografia é que ela tenta olhar para um cenário como um todo e que a configuração pode ser uma sala de aula, pode ser uma comunidade, ou pode ser uma escola inteira. Há diferentes tipos de unidades de um todo um que os etnógrafos podem olhar. Mas quando o fazem, tentam olhar para todas as pessoas dentro daquele todo e para todos os papéis das pessoas dentro disso tudo. Assim como para o como isso contribui para o que todos os outros estão fazendo. Às vezes as pesquisas não tentam fazer isso – essa ênfase no holismo é a segunda característica.

Depois uma terceira é que uma das coisas que eu acho que realmente torna a etnografia diferente de outras formas de pesquisa social, mas nem todas que fazem isso podem se chamar etnografia e que faz parte da minha definição, é que a etnografia sempre tem uma perspectiva comparativa, ela fala não só do que está acontecendo aqui, quais são os acontecimentos, mas o que eles significam para as pessoas que estão fazendo isso – o que está acontecendo aqui e o que significa para as pessoas, diferente de outras maneiras de fazer isso em outro lugar da sociedade ou em outro lugar do mundo.

Assim, quando se está olhando em um lugar particular como um etnógrafo, especialmente um etnógrafo com formação em educação ou antropologia, o que você está procurando? Você está pensando em outras maneiras de fazer o mesmo, quer você esteja olhando como um todo para uma família, para uma sala de aula ou para uma escola. Em relação ao seu bairro que você está pensando nos Estados Unidos você está pensando aqui, está em uma escola do centro da cidade no seu bairro que é diferente de uma escola na sua vizinhança, nos subúrbios ou numa zona rural, ou na Alemanha, ou na Grã-Bretanha, ou no Japão, ou no Brasil certo!

Então, há sempre esse sentido comparativo e uma descrição etnográfica os tipos de análises que os etnógrafos fazem têm sempre como pano de fundo o sentido de que há em uma ampla gama de maneiras humanamente possíveis de fazer os mesmos tipos de coisas: vida familiar, sala de aula; ensinando a ler, se relacionando com professores e com pais.

Você está olhando como etnógrafo em um determinado cenário como um todo e está tentando ver os significados para as pessoas, o que elas fazem, você está tentando ser muito específico sobre o que elas fazem. Se você for realmente etnográfico tem esse tipo de perspectiva comparativa. Não todos entre nós que usam a comparação. Se usássemos esses critérios rigorosos para analisar todos os trabalhos apresentados no fórum⁵, provavelmente reprovaríamos muitos deles certos?

Então, eu não insisto em uma definição estrita de etnografia. Mas ela é distinta de outras coisas, como dissemos na sessão [referindo-se ao nosso painel], quando estou pensando em fazer distinções é daí que eu parto. Qual é a próxima pergunta?

Carmen de Mattos

A segunda pergunta é sobre a diferenciação entre os tipos de pesquisas qualitativas, em particular, as características que as tornam únicas. O que eu vejo, muitas vezes, é o termo etnografia, significando por exemplo, historiografia e histórias de vida, as

⁵ Aqui o Frederick Erickson se refere aos trabalhos etnográficos apresentados durante o *19th Ethnography in Education Research Forum* que estava acontecendo no dia da entrevista. No caso da discussão a que ele se refere se trata do painel que o nosso grupo apresentou intitulado: *Experiences in educational ethnographic research in Brazil: influences of Frederick Frederick Erickson's thoughts*.

vezes proporcionando uma visão mais abrangente do que as pesquisas de sala de aula.

Frederick Erickson

Eu não sei exatamente como posso diferenciar essas diferentes formas de pensar e juntar o conhecimento de maneira eficaz e produtiva. Bem, deixe-me dizer algumas coisas sobre isso.

Novamente, como não conheço os termos brasileiros e o que está acontecendo particularmente lá agora, eu posso me perder um pouco, e posso não responder adequadamente ao que você pergunta, mas eu posso adicionar algumas ideias que contribuem para esta discussão.

Uma delas é que é difícil distinguir entre o que eu chamo de microetnografia, microanálise etnográfica, e o que algumas pessoas chamam de análise do discurso ou um tipo de análise do discurso em sociolinguística ou em sociolinguística interacional, que o John Gumperz⁶ fala.

Também existe outro tipo de análise do discurso chamado análise crítica do discurso na Inglaterra, que é um pouco diferente, então existe muitas sobreposições entre esses tipos de análises também.

Mas isso converge para uma tendência às grandes teorias sociais globais sobre relações de classe e outras teorias sobre a dominação em sociedade que recaem e interferem fortemente na coleta de dados e análises, em nosso trabalho não estamos tão intimamente ligadas com uma teoria social mais ampla, mas sempre houve uma conexão, pelo menos no meu próprio trabalho. Eu estou interessado em questões de classe e raça que são discutidas na sociedade mais ampla e na sociedade local não estou exatamente no mesmo campo teórico que todas as pessoas que rotulam o trabalho como crítico, eu tenho argumentado, no entanto, que há uma abordagem mais crítica; para o tipo de trabalho que pessoas como Raymond⁷, e Hugh [Bud] Mehan⁸ eu e eu e até mesmo John Gumperz fazemos às vezes, reconhecido por essas pessoas, mas de qualquer forma, isso é outra distinção.

De qualquer forma a microanálise etnográfica ou micrografia e a linguística social e interacional e algum tipo de análise do discurso podem muito bem ser uma es-

⁶ John Joseph Gumperz no site https://senate.universityofcalifornia.edu/_files/inmemoriam/html/JohnJosephGumperz.html

⁷ Raymond no site: Raymond_Williams no site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Raymond_Williams

⁸ Mehan no site: https://senate.universityofcalifornia.edu/_files/inmemoriam/html/JohnJosephGumperz.html Hugh Mehan no site: <https://sociology.ucsd.edu/people/faculty/emeritus/hugh-mehan.html>

pécie de sinônimo na prática. Os métodos etnohistóricos e etnometodológicos são diferentes e tem também um tipo diferente de distinção.

Eu diria que muitas etnografias na antropológica contemporânea e até mesmo antigamente, às vezes, e com frequência, analisavam algumas informações históricas de maneira detalhadas para compreender a cultura de maneira mais abrangente.

Mas, é relativamente novo tentar sistematicamente usar uma espécie de história recente como método de campo etnográfico, que envolve observação participante e imersão cultural. John Puckett, em nossa faculdade (GSE/Penn) realmente fez isso. Eu acho que você não pode chamar isso de história e você pode também chamar assim, se não houver observação participante contemporânea real, entrevistas, revisão de documentos contemporâneos, em um o cenário combinado com o olhar para documentos do passado, ou ainda entrevistar pessoas sobre o passado ou fazer entrevistas de história de vida de pessoas cujas vidas você também está olhando como eles estão vivendo agora.

Então você não está apenas entrevistando-os sobre o que eu chamaria de etnografia com uma dimensão de profundidade de tempo e você poderia chamar... eu não tenho certeza... e só você sabe quais são os exemplos que você está vendo – mas é assim que eu pensaria se realmente estivesse fazendo pesquisa qualitativa para descobrir material sobre a vida das pessoas no passado. Eu chamaria isso de etnografia com uma dimensão de profundidade temporal e você poderia chamar isso de etnohistória. Eu diria que alguns chamariam de história nos Estados Unidos que seria mais histórico do que etnográfico.

Mas se você combina um estudo de caso vida cotidiana com alguma informação de profundidade de tempo e eu acho que é como alguns de nós, às vezes, chamamos aqui de etnohistória.

A etnometodologia é mais complicada de se distinguir, pois há a possibilidade de que o termo esteja sendo usado de forma errada, confundindo-se com o «etno» da etnografia. Assim, é importante separar claramente o significado de cada termo para evitar equívocos.

E talvez eu devesse considerar voltar atrás, na verdade, ou pelo menos permita-me explicar que isso se aplica à resposta à primeira pergunta também.

O termo “etno” e etnografia, como você sabe, eu já dei palestras sobre isso na sua presença, vem da palavra grega para outras pessoas, os “ethnois”, as pessoas que não são gregas. Etnografia é a escrita sobre outras pessoas.

Agora temos etnografia doméstica. Essa é grande parte do que temos feito: refletir sobre nossa sociedade. Mesmo mantendo nossa perspectiva comparativa com outras culturas, podemos fortalecer nosso senso de relação com as pessoas no trabalho.

Comparar diferentes práticas entre sociedades, como os japoneses, mexicanos e áreas rurais em relação à nossa vida na cidade, nos permite ampliar nossa compreensão. Esse tipo de visão comparativa está no espírito de olhar através de uma variedade de grupos culturalmente e etnicamente, para compreender melhor a diversidade.

Então é exatamente isso que “etno” representa na área da etnografia.

O que etno significa no contexto da etnometodologia é algo bastante único e específico. Eu sei disso porque conheço as pessoas que criaram o termo, Harold Garfinkel e colegas foram as pessoas que realmente desenvolveram a ideia, sendo que foi Garfinkel quem cunhou o termo originalmente.

Ele quis dizer como o sociólogo filosófico alemão Alfred Schütz disse, que era os métodos folclóricos, populares para dar sentido ao mundo. Isso destaca a importância dos métodos utilizados pelas pessoas comuns para interpretar e compreender o mundo ao seu redor. Eles queriam expressar algo semelhante ao que o Bourdieu entende como *habitus*, em nossa visão é a expressão do homem comum, tem uma expressão em inglês americano que significa a visão do homem de rua, o tipo de compreensão mundana do senso comum pelas pessoas quando não estão particularmente reflexivas, apenas seguindo em frente com suas vidas diárias.

Essa é a definição de etnografia ou da metodologia etnográfica.

O que a parte metodológica significa são as formas de senso comum daquelas pessoas comuns, até mesmo o senso comum hegemônico, mas elas não utilizaram a noção de influência hegemônica sombria. É uma atuação comum, não reflexiva, de senso comum no mundo.

Eles descobriram que, para fazer isso, você tem que presumir certas coisas sobre o mundo, por exemplo, em interações comuns, você tem que assumir que, em algum nível, as pessoas estão basicamente dizendo a verdade. Porque, se você é um corretor de ações, um vendedor de automóveis ou algo do tipo, não assumimos que estejam sempre dizendo a verdade, é importante questionar e investigar.

Mas se você entrar em uma loja e perguntar, quanto custa esse saco de limões frescos e suculentos? Quanto custa essa garrafa de cachaça que está na prateleira? – Eu adoro a sua cachaça⁹.

Eles dizem o preço, seja o que for, você assume que eles não estão brincando. Quando você lhes entregar o dinheiro, eles lhe darão o troco que disseram que dariam. Isso foi um dos métodos etnográficos que eles descobriram em suas pesquisas.

Quer dizer, eles pensaram sobre o que são essas coisas que nunca pensamos como formas de fazer sentido no mundo de que são tão parte e são tomadas como certo entendimento que nunca sequer pensamos.

9 O Frederick Erickson se referiu a uma garrafa de cachaça brasileira que Carmen trouxera de presente para ele.

Outro exemplo, e na verdade Garfinkel criou um monte de experimentos interessantes para testar coisas assim que não podemos fazer eticamente. Coisas assim – ele designou seus alunos de pós-graduação para fazer coisas como entrar no ônibus. E você diz, este ônibus vai para o Leme, certo? (citando um bairro do Rio de Janeiro). Você está em alguma parte do Rio de Janeiro. Você pergunta se este ônibus vai para Copacabana? E o motorista responde sim, certo? Ou não! Conforme necessário! E então, como passageiro, você diz, na próxima curva, você diz, bem, como posso saber disso? Ele diz que sim, o ônibus não demora tanto. E você se pergunta, como posso ter certeza disso? E você pode realmente pedir ao motorista do ônibus para parar imediatamente, chamar um policial, se ele insistir nisso – Isso é importante para garantir a segurança de todos – Quero dizer, isso paralisa completamente a vida cotidiana, tornando as tarefas diárias impossíveis. É como se houvesse certas coisas fundamentais que simplesmente assumimos sobre a vida, sem questionar.

Outro exemplo é, você vê alguém deitado na rua, no meio da rua – e a etnometodologia diz que, este é o sentido original do termo, você precisa construir uma história sobre o que aconteceu para entender isso completamente. Isso implica investigar o contexto e as interações sociais envolvidas. É importante considerar várias possibilidades – ao encontrar alguém desacordado, como embriaguez, diabetes, ataque cardíaco ou acidente. Não deixamos apenas a percepção lá, a pessoa na rua. Sempre construímos alguma espécie de narrativa.

E assim, quando a professora vê o aluno a sua volta, ela decide que não pode ajudar devido ao seu comportamento anterior. Ela, com tristeza, decide que não pode ajudar. A razão pela qual ela decide isso é porque ela tem uma pequena suposição negativa sobre essa pessoa que não valerá o seu tempo e energia.

Então, a etnometodologia, estritamente falando, é um estudo minucioso desse tipo de fenômeno. A análise da conversa é um tipo de microanálise semelhante à análise do discurso que surgiu da etnometodologia, sendo uma abordagem detalhada e contextualizada. Algumas etnometodologias são análises de conversação, o que pode causar confusão. E isso parece ser o que eu chamo de Microetnografia.

Mas estritamente falando, a etnometodologia é o estudo das compreensões comuns e ordinárias no mundo conforme as pessoas vivem nesse mundo.

Conceito que vem da tradição filosófica continental, em parte inspirada na fenomenologia de Alfred Schütz. E, como informaram os cientistas sociais americanos, especialmente os sociólogos em suas pesquisas acadêmicas e estudos de campo. Há outras coisas sobre nós que não vamos entrar em detalhes. Mas de qualquer forma, uma das fontes é a fenomenologia do mundo social existe uma coleção de artigos

sobre o tema. Eu tenho sido muito influenciado pela etnometodologia, mas não acho que meu trabalho seja etnometodológico.

Há uma outra coisa que se pensa sobre a etnometodologia e que vem da antropologia, é a ênfase sobre como as pessoas fazem sentido à medida que avançam na noção de padrões de sentido culturalmente aprendidos. Como fazem ou usam a linguagem na forma como a aprendizagem linguística molda o que fazem.

As histórias que estão sendo inventadas e o sentido que está sendo criado são completamente inventados na situação atual e refletem a criatividade das mentes envolvidas. Mais uma vez, não há conexão direta entre classe social, raça ou quaisquer desses fatores e a construção de sentido na vida

Tanto a antropologia quanto a teoria crítica estão profundamente empenhadas em estabelecer conexões mais amplas como influências significativas sobre as ações e interações das pessoas na cena local.

Os etnometodologistas – por alguma razão, eu não tenho tempo para revisar –, por razões de teoria social, disseram que vamos apenas simplificar, isso já foi exagerado. Vamos colocar isso entre parênteses. Vamos apenas tentar olhar para as pessoas fazendo sentido na cena imediata. E então eles meio que esqueceram, teoricamente, da sociedade em geral.

Mas novamente eu não sei qual a etnometodologia, que você sabe, ou que parece exatamente com que você conhece! por causa disso, porque eu não vivo dentro dessas restrições, é uma desvantagem para mim como um Observador participante que está participando apenas um pouco realmente como em vez de ser um observador há algumas desvantagens reais em não ter esses pesos e restrições se estou tentando descrever as pessoas agindo e fazendo sentido dentro de um mundo de pesos e medidas. Mas também há algumas vantagens em poder entrevistar o diretor sobre algumas coisas que o professor não pode e percebendo algumas coisas no fundo da sala que o professor não pode e assim por diante e, da mesma forma, do lado da pesquisa do professor, há vantagens dessa profundidade de imersão e senso do peso da ação e os pesos institucionais sobre o que é difícil para um. Mas também há o problema da visão de túnel e que você sabe tomar.

Mas novamente, eu não sei se isso que você queria sobre a metodologia etnográfica. É isso?

Carmen de Mattos

Sim!

Frederick Erickson

Me parece, que e se eu quiser entrevistar sobre uma variante mais ampla de tópicos eu posso fazer isso, mas talvez outra pessoa não possa.

Há todo tipo e maneiras pelas quais eu não consigo chegar tão perto de alguns aspectos do mundo subjetivo, pois eu não estou imerso nas restrições específicas que as pessoas enfrentam diariamente.

Isso é tanto uma desvantagem para mim, como observador participante, que está apenas participando um pouco. Mas, realmente, não tem comparação com um participante/observador/*insider* (aquele que está dentro do contexto pesquisado), porque a ausência de pesos e restrições afetam a descrição realista de ações e comportamentos em um mundo com direitos e limitações.

Ao entrevistar o diretor de escola, ele pode revelar perspectivas e informações diferentes daquelas do fundo da sala, que o professor não consegue observar, trazendo vantagens únicas para ele. Da mesma forma, do lado do professor, há vantagens na profundidade da imersão e no sentido do peso de suas ações e do peso institucional que torna mais difícil para um observador externo compreender.

Existe também o problema da visão estreitada do observador ou da sua subjetivação do observador *insider*. Significa, no caso do professor, que ele pode tomar como garantida a compreensão sobre a sua própria prática e não ver certas coisas de dentro. Portanto, o *insider* tem um problema de miopia e visão tonal limitada, enquanto o pesquisador externo possui uma visão mais abrangente, porém sacrificada quanto a profundidade e o significado da prática observada.

Então eu acho que, na verdade, sempre precisaremos de ambos, pois cada um tem seu papel único. Eu apoio a pesquisa de professores, mas suas limitações são reconhecidas.

Eu sou muito favorável a pesquisa qualitativa regular, mas ela tem algumas limitações reais que até recentemente as pessoas não estavam tão cientes, ou que pelo menos, não estavam reconhecendo publicamente.

Há uma certa tendência elitista, especialmente na geração anterior à minha, tanto na antropologia quanto em outras áreas de pesquisa qualitativa, na qual as pessoas sequer consideravam a necessidade de se envolver no trabalho para compreendê-lo plenamente. Insistiam em fazer uma canoa, optando por apenas observar sua fabricação. Na verdade, eu escrevi sobre isso em 1978, durante um verão inesquecível, quando eu apresentei o discurso inaugural de posse no conselho da *American Anthropological Association*. Nele eu aprofundi as questões relacionadas a esse assunto, usei a imagem de Malinowski de observar as pessoas fazendo a canoa.

E eu disse que na pesquisa educacional, há algo que só se consegue ao pegar o tronco com os outros trabalhadores para realizar as tarefas em conjunto. Assim, eu estava defendendo uma maior participação no trabalho por parte de pesquisadores externos, bem como incentivando ativamente a pesquisa de professores naquela época, visando enriquecer o ambiente acadêmico.

Mas eu realmente não acho que seja assim, costuma haver uma dicotomização simplista de dizer respeito à pesquisa do professor ser a única maneira virtuosa e válida de obter conhecimento. Estas outras idéias são elitistas e enganosas, ou vice-versa. Apenas um estrangeiro pode entender que o professor está muito imerso na prática e não consegue ser reflexivo o suficiente e não consegue obter informações abrangentes suficientes. Eu acho que ambas essas posições simplesmente não fazem sentido. Eu acho que existem pontos fortes e limitações em ambos.

A pesquisa é colaborativa, idealmente, talvez, os verdadeiros projetos colaborativos são válidos. Mas, são muito difíceis de realizar porque as relações de poder nunca são simétricas.

Carmen de Mattos

E como você se sente em relação ao futuro, sabendo que não é questão de minutos? É realmente necessário fazer essas diferenças ou distinções entre um método e outro, um caminho e outro, a seguir?

Frederick Erickson

Precisamos fazer o melhor.

Eu acho que devemos fazer um bom trabalho, eu não estou preocupado com o rótulo. Mas, grande parte do que está sendo chamado de etnografia sofre por não ter uma perspectiva comparativa suficiente.

Eu acho que isso é uma vantagem distinta do que era tradicionalmente conhecido como etnografia, devido à sua abordagem empírica aprofundada e eu não me importo se o termo se perder. Eu me importo que a perspectiva comparativa não esteja devidamente abordada em muitos trabalhos acadêmicos.

Eu acho que isso é intelectualmente uma perda.

Eu acho que você pode fazer uma análise mais poderosa quando percebe que existem outras maneiras de fazer as coisas que você está vendo.

E, também no trabalho educacional, essa visão comparativa pode ser uma inspiração para a criatividade, porque se você perceber que o que está vendo não é a única maneira ou a maneira essencial, isso nos ajuda a não naturalizar e essencializar o que estamos vendo. Se soubermos que em outro lugar eles não fazem assim e funciona muito bem.

Carmen de Mattos

Como você consegue essencializar em palavras? Você pode elaborar um pouco sobre isso?

Frederick Erickson

Não devemos essencializar a cultura! Não devemos essencializar a raça! Não devemos apenas essencializar, ou naturalizar, pensar que isso é inerentemente a forma como as coisas são!

Assim, essa perspectiva comparativa é um corretivo poderoso contra esse tipo de comportamento indesejado.

Eu penso que, se você perder essa oportunidade, enfraquece tanto a sua capacidade analítica acadêmica, mas também corre o risco de estreitar a imaginação em relação novas possibilidades da prática acadêmica. Porque, se eu sei que isso é apenas uma entre muitas maneiras possíveis de ensinar a leitura, e que as pessoas têm usado essa maneira na experiência humana, então posso dizer – Bem! Talvez possamos brincar um pouco com isso e tentar fazer algo diferente, e saber que não estou, sabe! Mexendo com os pilares que sustentam o universo.

Existe uma tendência marcante entre os profissionais da educação, pelo menos neste país, de serem extremamente convictos em relação aos seus próprios métodos, sem notarem que a realidade é bastante relativa.

Carmen de Mattos

Muito obrigada. Vamos te ver em breve no Brasil, certo?

Recebido em novembro/2023 | Aprovado em abril/2024

MINIBIOGRAFIA

Vera Anselmi Melis Paolillo

Doutora em Administração, Universidade Mackenzie. Mestre Educação, Houston University, Especialista em Educação, Harvard University, Professora e Pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Representante do Brasil no World Fórum Foundation.

E-mail: veramelis@uol.com.br